

# Memória: trabalho de linguagem

Ana Lúcia Horta Nogueira<sup>1</sup>

---

## Resumo

Neste texto, propomos discutir algumas relações entre memória e linguagem, tomando emprestado o fio proposto por Marguerite Yourcenar, em um trecho do romance *Memórias de Adriano*. A noção de “memória coletiva”, que destaca o processo contínuo e partilhado de construção da memória, permite explicitar a importância dos processos de significação da/na linguagem na construção da memória. Desta forma, considerando o funcionamento da linguagem como trabalho de produção de significações, podemos ressaltar a constituição discursiva da memória e compreender a memória como trabalho de linguagem na construção de significados.

## Palavras-chave

Linguagem; memória discursiva; processos de significação.

Como toda gente, não disponho senão de três meios para avaliar a existência humana: o estudo de si mesmo, o mais difícil e perigoso, mas também o mais fecundo dos métodos; a observação dos homens, que se arranjam frequentemente para ocultar-nos seus segredos ou por nos fazer crer que os têm; os livros, com os erros peculiares de perspectiva que surgem entre suas linhas. Li quase tudo que nossos historiadores, poetas e narradores escreveram, embora estes últimos tenham reputação de frívolos. A todos devo talvez mais informações do que as recolhidas nas mais diversas situações da minha própria vida. A palavra escrita ensinou-me a apreciar a voz humana, tanto quanto a grande imobilidade das estátuas levou-me a valorizar os gestos. Em compensação, e no decorrer dos tempos, a vida me fez compreender os livros.

## Abstract

In this article, we discuss some aspects of the relationships between memory and language, from the perspective of a passage written by Marguerite Yourcenar, in the romance *Memoirs of Hadrian*. The notion of “collective memory”, which highlights the continuous and shared process in the construction of memory, allows indicating the relevance of the meaning processes of/in the language in the construction of memory. Hence, considering the language functioning as a work in the meaning production, it is possible to point out the discursive constitution of memory and to understand the memory as a language work due to the meaning construction processes.

## Keywords

Language; discursive memory; meaning processes.

Mas estes mentem, ainda os mais sinceros. Os menos hábeis, na falta de palavras e frases com que possam representá-la, traçam da vida imagem pobre e vulgar. Alguns, como Lucano, fazem-na pesada e obstruída por uma solenidade que ela não possui. Outros, pelo contrário, fazem-na leve, transformando-a numa bola saltitante e vazia, fácil de receber e de atirar num universo sem peso. Os poetas transportam-nos a um mundo mais vasto ou mais belo, mais ardente ou mais suave, por isso mesmo diferente do nosso e, na prática, quase inabitável. Os filósofos, a fim de estudarem a realidade pura, submetem-na quase às mesmas transformações que o fogo ou o pilão operam nos corpos: nada de um ser ou de um fato, tal como os conhecemos, parece subsistir nesses cristais ou nessas cinzas. Os historiadores apresentam-nos as imagens do passado através de sistemas excessivamente completos, com uma série de causas e efeitos

---

<sup>1</sup> Mestre em Metodologia do Ensino e doutora em Psicologia Educacional pela FE/Unicamp. Docente da FFCLRP-USP. E-mail: anahogueira@ffclrp.usp.br

demasiado claros para serem inteiramente verídicos. Recompõem a dócil matéria morta, e tenho certeza de que mesmo a Plutarco escapará Alexandre. Os narradores, os autores de fábulas milésias, à maneira dos açougueiros, não fazem senão pendurar no balcão do açougue os pedaços de carne apreciados pelas moscas. Adaptar-me-ia dificilmente a um mundo sem livros, mas a realidade não está ali porque eles não a contêm em sua totalidade (YOURCENAR, 1974, p. 24-25).

Neste texto, a partir de um trecho do livro *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, indicamos alguns elementos para pensar as relações entre memória e linguagem. No momento em que a autora se propôs a escrever as memórias de um imperador, *Memórias de Adriano*, sobre quais lembranças ela se debruçou? As lembranças de fatos ou aquelas que construiu e imaginou para ele? Como mesclou essas recordações? Nas notas incluídas na parte final do livro, a autora conta-nos um pouco do “porquê” deste processo de construção de memórias do personagem e do

[...] retrato de uma voz. Se optei por escrever estas Memórias de Adriano na primeira pessoa, foi no sentido de eliminar o máximo possível qualquer intermediário, inclusive eu. Adriano podia falar de sua vida mais firmemente e mais sutilmente do que eu (p. 221).

Nessas notas, ela também relata acerca dos achados históricos ao longo dos quase 30 anos em que trabalhou dando voz ao personagem, entrelaçando fatos e ficção, realidade e imaginação, período este em que esteve, ao mesmo tempo, com “um pé na erudição, outro na magia, ou mais exatamente e sem metáforas, nesta ‘magia simpática’ que consiste em nos transportarmos em pensamento ao interior de alguém” (p. 221).

E agora, com muita cautela para não “pendurar pedaços de carne”, quero tecer alguns comentários acerca da “memória”, tomando emprestado o fio de Yourcenar. A reconstrução da vida do imperador Adriano é registrada por ela na criação das lembranças dele, em um entrecruzamento de memórias. Na voz de Adriano, ela aponta que uma das três formas de “avaliar a existência humana” é através dos livros, com relação aos quais faz algumas ressalvas: “os

erros peculiares de perspectiva que surgem entre suas linhas”, o fato de que “estes mentem”, de que “traçam da vida imagem pobre e vulgar”, a forma (equivocada?) como os poetas, narradores, filósofos e historiadores representam e recompõem a realidade.

Se ampliarmos a ideia dos “livros” como um dos meios de construção de memória social, como um trabalho de linguagem, de registro da “dócil matéria morta”, os comentários acerca dos livros também caberiam com relação à memória? E como esta memória foi resgatada através dos tempos? O registro da “dócil matéria morta” existiu desde sempre? Na civilização grega, de tradição predominantemente oral, Havelock argumenta que a organização da sociedade era conservada e revivida em forma linguística oral, em enunciados que guardavam os padrões sociais de comportamento. Como a conservação de enunciados em prosa era impossível, “[...] a única tecnologia verbal possível e disponível que garantisse a conservação e fixidez da transmissão era a da fala rítmica, habilmente organizada em padrões verbais e rítmicos, singulares o bastante para preservar sua forma.” (HAVELOCK, 1996, p. 59).

Os gregos acreditavam que Mnemosyne, a deusa da memória, havia gerado as nove musas com o poder de seduzir e inspirar. Mnemosyne era, ao mesmo tempo, fonte de memória e de inspiração, e desde aqui já percebemos as interpenetrações entre o lembrar e o inventar, entre a memória e a imaginação, como na (re)construção das memórias do Imperador Adriano feita por Yourcenar. No cotidiano da civilização grega, a declamação da poesia funcionava como um exercício de memorização, “[...] é o aedo que resgata a memória dos feitos passados; o aedo deverá lembrar-se, e precisará da memória [...]” (MENESES, 1987, p.14), e, por outro lado, a recitação constante e reiterada funcionava também como um instrumento educacional de memorização.

A recitação com o objetivo de memorização tem várias faces; entre elas, podemos destacar a questão da memorização de poesias prontas, formas fixas, como a conservação de uma versão (entre várias) dos fatos e de uma (no lugar de outras) tradição, como meio de construção de uma determinada memória escolhida para ser conservada e transmitida. Platão ainda criticava outra face da recitação: a possibilidade de memorização da obra dos poetas dependia do

envolvimento exaustivo, da identificação com as falas por parte do aprendiz, da total falta de objetividade. A esta face da experiência poética, Platão nomeava *mimesis*, dando ênfase à questão da representação e da identificação não racional com a poesia.

Em contrapartida, Aristóteles definia a literatura como *mimesis*: imitação e representação através das palavras, mimese como uma forma valiosa de conhecimento. Para ele, a memória e a imaginação pertenciam à mesma parte da alma, em que a imaginação atuava como elo intermediário entre as percepções trazidas pelos sentidos e as faculdades intelectuais. Vem daí a distinção aristotélica entre “[...] a memória propriamente dita, a ‘mnemê’, mera faculdade de conservar o passado, e a reminiscência, a ‘mamnesi’, a faculdade de evocar voluntariamente esse passado” (LE GOFF, 1996, p. 439). Com esta distinção, Aristóteles abriu caminhos para afirmações como “[...] a memória é apenas matéria-prima de um processo de mimese” (MENESES, 1987, p. 24), e que, de forma positiva, a conservação e o registro de uma memória são subjugados e mediatizados pelo processo de imitação e representação, e assim, ao final, o que temos são os fatos modificados e reinterpretados.

A crítica à falta de objetividade da poesia e aos poetas como deturpadores da realidade foi um dos temas recorrentes em Platão; nas palavras de Havelock,

[...] o principal obstáculo ao racionalismo científico, ao uso da análise, à classificação da experiência, ao seu rearranjo na sequência de causa e efeito. [...] Ele pede aos homens que, em vez disso (da exercitação da experiência rítmica memorizada), analisem essa experiência e a rearranjem, que pensem sobre o que dizem, em vez de apenas dizê-lo. E deveriam distanciar-se dela, em vez de identificar-se com ela; eles próprios deveriam tornar-se o ‘sujeito’ que permanece separado do ‘objeto’ e o reexamina, analisa e avalia, em vez de apenas imitá-lo (HAVELOCK, 1996, p. 63).

Deste modo, quando resistia à recitação e contra-argumentava que “[...] aprender não é outra coisa senão recordar” (PLATÃO, [198-], p. 61), Platão destacava que no uso da lógica operada por modelos, a memória atua como forma de conhecimento da verdade, de apreensão do mundo das ideias, pois,

[...] de duas uma: ou nascemos com o conhecimento das ideias e este é um conhecimento que para todos nós dura a vida inteira, ou então, depois do nascimento, aqueles de quem dizemos que se instruem nada mais fazem do que ‘recordar-se’; e neste caso a instrução seria uma reminiscência (p. 64).

No trecho com o qual iniciamos o texto, quando Yourcenar fala da forma como os poetas e narradores, os historiadores e filósofos representam e recompõem a realidade e da impossibilidade de conter a totalidade, quais são as ideias de realidade e de apreensão da realidade que estão subjacentes? Estaria presente aqui uma noção dicotômica de realidade e sua representação? De conhecimento e linguagem? Para Platão, o verdadeiro saber consistia no reencontro com as Verdades – a essência das coisas – que foram contempladas enquanto a alma alada pairava nos céus. Um mundo onde as verdadeiras ideias pairavam sobre os mortais humanos, sendo a memória um componente sensível da alma. Mas esse reencontro com as Verdades dependia do “dom da reminiscência”, que dava a poucas almas condições de dominar a má índole, transformando-as em almas dominadas, racionais, praticantes da filosofia e, por isso, capazes de diferenciar realidade e ilusão, verdade e mentira.

Ainda em *Fedro*, Platão teceu críticas à arte da retórica como a geração da palavra persuasiva, para não dizer enganosa. E continuando a explorar este veio, através das palavras do rei Tamuz que fala ao deus Thoth, ele trouxe à tona a questão da escrita:

Ela [a escrita] tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. Por isso, não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a rememoração (PLATÃO, 1994, p. 121).

Conforme Gagnebin, esta crítica tinha como ponto central a explicitação de que a escrita tem limites internos de comunicabilidade. O uso mais generalizado da escrita como recurso à memória levaria à democratização e à dessacralização, “[...] segundo Platão, a bana-

lização até a perversão da atividade de lembrar” (GAGNEBIN, 1997, p. 53). E, ainda, o problema de que a escrita tomava externamente o lugar que antes era reservado ao íntimo da alma, e devido a essa externalização, o perigo de que a escrita levasse a rumos não previstos, aumentando os riscos de sedução da sofisticada e da retórica. Portanto, desde o início, a escrita já aparece ligada a uma ideia de incompletude e de mascaramento. Esta ideia de incompletude, mascaramento e rigidez é retomada por Yourcenar quando ela se refere àqueles que “traçam da vida imagem pobre e vulgar”, da escrita sendo usada para mentir ou transformar os fatos em “cristais ou cinzas” (como formas fixas e mortas?).

O advento da escrita, combinado ao seu uso social cada vez maior, engendrou uma transformação da memória coletiva: da recitação rítmica para as inscrições públicas, como um esforço de comemoração e perpetuação da lembrança, sendo ampliada até aos registros dos atos financeiros, religiosos, das genealogias e dos calendários. A escrita passou a ocupar o lugar de uma memória artificial, que transformou a atividade intelectual, não somente como organização do saber, mas como um aspecto da organização de um novo poder (LE GOFF, 1996). A memória divinizada foi cedendo espaço à memória laicizada, cuja coroação foi a reprodução mnemônica “palavra por palavra”. Nesse contexto, a memória laicizada combinada com a escrita dava forma à mnemotécnica, como a “arte da memória”: a construção de locais para dispor “imagens agentes”. E, então, quais seriam as influências que esta “arte da memória” exerceu, e ainda exerce, sobre a forma de construir e recontar a história, para que Yourcenar suspeitasse das “imagens do passado através de sistemas excessivamente completos para serem verídicos”?

E a que nos remete Yourcenar quando fala “dos erros de perspectiva que surgem entre as linhas de um livro”, se ampliarmos a ideia de perspectivas como perspectivas de memória? Halbwachs redimensionou a ideia de Bergson de que a lembrança responde a chamados do presente, dando a ela um tratamento como fenômeno social. Assim, em oposição a Bergson que dizia que a lembrança como conservação total do passado era mantida intacta em nossa memória, Halbwachs afirma que: “[...] a lembrança é em larga

medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.” (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Desta forma, o autor liga a construção da memória aos quadros sociais, pois é do ponto de vista específico de cada grupo social que o passado é reconsiderado, efetivando-se em forma de memória coletiva. Portanto, podemos voltar a falar dos “erros de perspectivas” como se falássemos de diferentes pontos de vista – que variam segundo as características dos grupos sociais – na formação da memória coletiva.

No processo de construção da memória coletiva, Halbwachs considera que a linguagem exerce um papel fundamental como instrumento na socialização da memória. “Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual” (BOSI, 1995, p. 56). Mas, se entendemos que os modos de interpretação e os processos de significação do passado estão em íntima relação com o funcionamento da linguagem, da linguagem como trabalho, ela ganha o estatuto de instância de socialização da memória, como constitutiva dessa memória continuamente construída. E,

[...] se, de algum modo, nos preocupamos em compreender como a palavra vai forjando e transformando a memória, ou seja, como a memória (dita) psicológica vai se constituindo e se organizando no e pelo discurso, podemos também problematizar como a memória vai se inscrevendo na palavra, como as práticas vão se inscrevendo no discurso, como aquilo que se tornou objeto da fala e da emoção humana perdida ou se esvai. Memória discursiva, que traz embutido o pré-construído, o já dito, o repetível, na linguagem e no seu funcionamento (SMOLKA, 1997, p. 81).

Memória discursiva que traz ao fio do nosso discurso todos os outros interdiscursos. Memória discursiva que materializa os movimentos afetivo, histórico, social... que a constituem. Memória discursiva que “sustenta” os processos de significação do discurso. É neste caminho que a construção da memória pode ser entendida como um

trabalho de linguagem, pois “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de outros signos” (BAKHTIN, 1986, p. 33-34). E, somente se entendermos a memória como um trabalho de linguagem na construção de significados é que vamos “da palavra escrita à voz humana” e “da imobilidade das estátuas aos gestos”. A significação está não somente nos objetos esculpidos, como “simples objetos, porque contêm, entranhada em sua materialidade, uma carga específica de intencionada significação” (GULLAR, 1993, p. 23), mas principalmente nas possibilidades de “leitura”, na reconstrução de significados marcadamente históricos e ideológicos.

### Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. (V. N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GAGNEBIN, J. M. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GULLAR, Ferreira. *Argumentação contra a morte da arte*. Rio de Janeiro: Revan, 1993.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HAVELOCK, E. *Prefácio a Platão*. Campinas: Papirus, 1996.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- MENESES, A.B. Memória: matéria de mimese. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *As faces da memória*. Campinas: Unicamp, 1987. p.11-24.
- PLATÃO. Fédon. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos II: Fédon, Sofista, Político*. Ediouro, [198-].
- \_\_\_\_\_. *Fedro ou da beleza*. 5. ed. Lisboa: Guimarães, 1994.
- SMOLKA, A. L. B. Linguagem e conhecimento na sala de aula: modos de inscrição das práticas cotidianas na memória coletiva e individual. In: ENCONTRO SOBRE TEORIA E PESQUISA NO ENSINO DE CIÊNCIAS, 1997. Belo Horizonte. *Anais...* Campinas: FE/Unicamp, 1994. p. 69-85.
- YOURCENAR, Marguerite. *Memórias de Adriano*. Rio de Janeiro: Record, 1974.

Recebido em dezembro de 2008 e aprovado em março de 2009.